

A Situação da Música Eletroacústica no Brasil

O *Studio PANaroma* Unesp/Fasm de São Paulo

Flo Menezes



Ainda que a música puramente instrumental mantenha seu inquestionável valor, é indubitável, hoje, a supremacia da música eletroacústica em seu sentido mais vasto dentro do que chamamos de música radical, contemporânea ou simplesmente "erudita" (*E-Musik*).

Seja aliada à própria escritura musical (*kompositorische Notations-prozedur*) – conceito este que deve ser distinguido do de mera escrita (*Notenschrift*) –, seja em sua vertente puramente eletrônica, a música que se apoia sobre as possibilidades que a tecnologia oferece ao compositor tanto no tratamento quanto na síntese sonora firma-se, em fins de milênio, como principal aquisição da composição não-mercado-lógica, de índole "experimental".

FLO MENEZES é Compositor, Fundador e Diretor do *Studio PANaroma Unesp/Fasm*, Professor de Composição da Unesp, autor de *Música Eletroacústica – História e Estéticas* (Edusp, 1996) e de *Atualidade Estética da Música Eletroacústica* (FEU – Fundação Editora da Unesp, 1999), entre outros. Ganhador como teórico do Primeiro Prêmio do I Concurso Internacional de Musicologia (Premio Latina, Itália, 1990) e, como compositor, da TRIMALCA em 1990, do Ars Electronica em 1995 e do Concurso Luigi Russolo em 1996, Menezes foi, a convite de Karlheinz Stockhausen, Professor de Análise das obras do compositor alemão nos *Stockhausen-Kurse* de 1999, em Kürten, Alemanha.

No Brasil, a música eletroacústica teve seu início ainda nos anos 50, mesmo que de modo incipiente e com total ausência de apoio institucional. Tal ausência estrutural, aliás, constituiu até bem pouco tempo o triste traço característico deste ramo das artes em solo brasileiro, até que, por minha iniciativa, fundou-se em julho de 1994 aquele que, hoje, é o principal centro de pesquisa e composição na área da música eletroacústica no Brasil: o *Studio PANaroma de Música Eletroacústica da Unesp/Fasm*, fruto da somatória de forças que resultaram em um convênio entre duas das mais respeitáveis instituições de ensino musical superior do país: a Faculdade Santa Marcelina, privada; e a Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde sou, desde 1982, docente de Composição e Música Eletroacústica.

Assim é que, unindo as iniciativas privada e pública, pudemos instituir de fato um estúdio de nível internacional, o qual já foi sintomaticamente honrado com prestigiosas visitas de mestres internacionais, como foi o caso, por exemplo, de Pierre Boulez em outubro de 1998.

O *Studio PANaroma* – que deriva seu nome de um vocábulo inventado por James Joyce em *Finnegans Wake* – certamente não foi a primeira tentativa a se realizar no Brasil dentro das instituições universitárias no sentido de se fundar um estúdio de porte internacional, porém se configura como a primeira iniciativa bem-sucedida neste campo. Pode-se perguntar quais seriam os motivos de tal atraso institucional. Muitas poderiam ser as possíveis respostas: talvez um arraigado individualismo da *intelligentsia* brasileira, que centra questão mais na personalidade individual do artista do que na importância em si das instituições; ou ainda o difícil período pelo qual passou grande parte da intelectualidade brasileira em plena fase de evolução da música eletroacústica internacional, na qual vivíamos sob o crivo de uma calamitosa ditadura militar; ou ainda a falta de visão institucional dos próprios compositores que se enveredaram pelas experiências musicais em estúdio. Difícil saber qual seria a melhor resposta. Mas o fato é que, desde 1994, o *Studio PANaroma* institui-se enquanto "divisor de águas" em solo brasileiro, servindo de modelo para outras Universidades e Faculdades,

que logo se apressaram a instituir seus próprios laboratórios, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, etc., em "concorrência" extremamente salutar.

Seria insensato, porém, desconhecer a forte influência que a música eletrônica européia, em especial a alemã, exercera neste processo. Formado em Composição pela Universidade de São Paulo em 1985, fui imediatamente aceito como compositor, com bolsa do DAAD, pelo Prof. Hans Ulrich Humpert, ex-assistente do pai da música eletrônica alemã e fundador do primeiro estúdio do gênero em 1951, Herbert Eimert, a atuar junto ao prestigioso *Studio für elektronische Musik* da Escola Superior de Música de Colônia, berço da música eletroacústica alemã. Ali atuei de 1986 a 1990, tendo realizado seis composições.

O funcionamento exemplar deste estúdio servira para que eu idealizasse um modelo a ser adaptado em solo brasileiro quando de meu retorno ao país, fato que se deu em 1992, após minha experiência em música computacional na Itália em 1991, junto ao *Centro di Sonologia Computazionale* da Universidade de Pádua.

A famosa tendência ao sincretismo não foi menos decisiva quando da fundação do *Studio PANaroma*. O novo estúdio, financiado em parte pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), deveria instituir de modo pioneiro, sobretudo em nível de Graduação, as disciplinas Composição Eletroacústica e Teoria da Música Eletroacústica. Ao contrário do Estúdio de Colônia, voltado à Pós-Graduação (*Aufbaustudium*), o *Studio PANaroma* deveria, pois, constituir o celeiro para novos compositores emergentes, propiciando-lhes a rica experiência da criteriosa manipulação dos espectros sonoros em estúdio antes mesmo de se formarem em Composição. Desta feita, tem-se já nesses poucos anos a produção substancial de cerca de 30 obras eletroacústicas, algumas delas premiadas em significativos concursos internacionais.

Que o *Studio PANaroma* sirva como estímulo para novas iniciativas, convergentes e até mesmo divergentes da nossa, fortalecendo o movimento da música radical no Brasil! ■